

A CONCEPÇÃO PLATÔNICA DA ALMA

Aluno (a): Mônica Baptista Costa

Orientador (a): Irley Franco

Introdução

A partir de um questionamento sobre a possível influência da filosofia grega na doutrina judaica após o helenismo, particularmente no que diz respeito à transformação da crença no xeol (depósito dos mortos para os judeus) para a crença na imortalidade da alma que constatamos no livro da Sabedoria, do antigo Testamento, redigido por volta do século I a.C., surgiu a curiosidade de entender as concepções de alma no pensamento filosófico antigo.

A fim de travar um primeiro contato com o tema, tomamos para leitura o livro **A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu**, do filólogo Bruno Snell. Nele, Snell detalha a construção grega da concepção de espírito. Em cada momento expressivo da literatura grega antiga, podemos detectar uma transformação nessa concepção. Os modelos literários poéticos épico e lírico; além da prosa dramática e filosófica, trazem concepções singulares. É fato que nunca houve uma transformação radical, drástica, de um momento literário para o outro imediatamente seguinte, mas reelaborações, adaptações. Contudo, são essas reelaborações tênues que se transformam em diferenças radicais, se focarmos os pólos do processo.

Para esmiuçar a concepção de espírito do período arcaico (séc.VIII a.C.) ao helenístico (séc.I a.C.), Snell trabalhou as transformações pelas quais o mito foi submetido, até ser substituído pelo pensamento racional. Era preciso delinear, tanto no modelo mitológico como no filosófico, como os gregos entendiam sua capacidade de deliberação sobre a própria vontade, sobre os próprios movimentos; ou ainda sua relação com os sentimentos. Snell nos diz que o homem grego só rompeu com os mitos quando assumiu a responsabilidade dos seus atos (cf. p.72). “(...) em Homero, o homem ainda não se sente promotor da própria decisão; isso só ocorrerá na tragédia” (p.30). “(...) Quando o rico mundo dos mitos, tal como o forjaram os inúmeros poemas épicos e, recentemente, a lírica, desembocou na tragédia, o elo entre mito e realidade rompeu-se” (p.100).

Nosso autor inicia seu trabalho pela poesia épica. E identifica nela a concepção do mundo em dois extratos: o superior e o inferior, onde o superior – habitado pelos deuses – concedia valores e sentido ao inferior – habitado pelos seres humanos (cf. p.99). Como poeta épico mais relevante elegeram Homero, através das suas obras *Ilíada* e *Odisséia*, e justificou sua escolha afirmando que Homero é a informação mais distante da helenidade que possuímos; além disso, foi Homero quem forjou o mundo espiritual dos gregos, sua fé e seu pensamento (cf. p.35).

Na poesia homérica, o espírito “(...) é concebido por analogia com os órgãos do corpo e suas funções (p.203).” Existiam vários verbos e substantivos para designar o corpo, por exemplo. Tínhamos **Guia**, que significava membros; **Démas** que significava estatura; **Derma** e **Kros**, que significavam pele. Também não havia uma definição específica para Alma. **Psyché** era apenas aquilo que animava o corpo, e o abandonava na hora da morte. Quanto ao

Espírito, tínhamos o *Thymós* e o *Noós*, onde o primeiro era responsável pelas emoções, enquanto o segundo elaborava as imagens por nós captadas (cf. pp.4-9). “(...) o que chamamos de alma, é na concepção do homem homérico, um conjunto de três entidades que ele interpreta por analogia com os órgãos físicos [*Thymós*, *Noós* e *Psyché*] (p.16)”. Como não reconheciam a alma como sua independência psíquica, toda vez que o homem homérico fazia ou dizia algo a mais do que lhe era esperado, atribuía tal fato à intervenção divina (cf. p.20).

Assim, Snell nos forneceu importantes pistas sobre as concepções de espírito, de alma, e também de morte no período arcaico de forma geral, e particularmente em Homero. Sobre o período arcaico, nos diz que “*A morte é um nada ou pouco mais que um nada na qual eles [deuses] precipitam os homens (...) o pensamento da morte tem pouquíssima importância em suas vidas (p.33)*”. Posteriormente, falando especificamente de Homero, destacou duas informações: a morte era considerada bela quando conseqüência do heroísmo – máxima de Virtude – pois garantia ao mesmo tempo honra e eternidade (cf. p.180); mas também “*O destino de Homero, a Moira, significa apenas que nem mesmo os deuses podem impedir que os homens morram, sejam eles seus favoritos ou seus descendentes (p.298)*”.

Os modelos literários posteriores já se afastavam cada vez mais da concepção mitológica, caminhando rapidamente para a concepção racional. A poesia lírica aprofundou o mundo espiritual iniciado pela poesia épica (cf. p.18), embora nela os deuses já estivessem mais distantes das ações humanas. A partir do drama, os textos literários desvencilharam-se da responsabilidade religiosa (ou cultiva) e da transmissão dos mitos. Cultos e mitos passaram a ser usados apenas como ação cênica (cf. p.103).

Em paralelo ao drama, foi a Filosofia que introduziu a prosa entre os gregos. Assim, a poesia foi abandonada gradativamente e somente resgatada no período helenístico, com Calímaco, da escola alexandrina (cf. pp.118-20). Snell nos diz que a tragédia prenunciou a Filosofia Ática, e foi curiosamente desativada por ela. E usa Aristófanes para embasar seu argumento, pois este acusou a Filosofia de ter matado a tragédia, principalmente a partir de Sócrates (cf. p.117-8). Nosso autor identificou na tragédia ática a primeira interpretação da ação humana como decisão interna, libertando-se da manipulação dos deuses (cf. p.186). Segundo ele, a idéia de liberdade da ação humana só foi explicitada por Ésquilo (cf. p.253). Nas transformações do pensamento mítico para o racional, os deuses olímpicos foram apagados pela Filosofia, mas se mantiveram nas Artes. A prosa científica, contemporânea à tragédia, puxou para si a tarefa de entender a realidade. “*O pensamento mítico exige receptividade, o pensamento lógico, atividade (...) (p. 227).*”

A alma em Homero

Após a leitura de Bruno Snell, entendemos que um bom autor não filosófico para nos dar pistas sobre a concepção grega de alma seria Homero. Por isso lemos suas duas obras mais famosas – *Ilíada* e *Odisséia*. Fizemos outras leituras, de outros autores não menos importantes, mas que apenas complementaram aquilo que as duas obras homéricas já haviam nos dito. A *Ilíada* e a *Odisséia* são textos belíssimos que por si nos propõem continuidade na leitura. Como se a *Ilíada* fosse a Parte I e a *Odisséia* a Parte II de uma mesma estória. Homero ainda nos deixa a sensação de que poderia produzir vários outros textos – várias outras partes – pois na *Odisséia* nos indica outras tragédias ocorridas nos retornos dos guerreiros gregos (os aqueus) vindos de Tróia que também poderiam ser desenvolvidas.

A *Iliáda* relata propriamente o confronto entre gregos (aqueus) e troianos. É a batalha em si, mesmo que saibamos que se trata apenas de algumas cenas dos longos dez anos de guerra. O texto é denso, bem elaborado, com descrições detalhadas dos heróis, seus físicos, suas vestes, e principalmente as imagens da morte. Os relatos dos confrontos trazem em si a indicação de um conhecimento aprofundado da anatomia humana, como se fosse natural que o leitor soubesse de todas aquelas informações. As descrições das feições, dos sofrimentos e do momento “funesto” em si sugerem um quadro, uma pintura.

Se fosse necessária uma sinopse em poucas linhas, sobre a estória narrada na *Iliáda*, poderíamos dizer que o texto trata de um combate travado entre homens, com a manipulação dos deuses; e influenciado pelas atitudes levianas de dois personagens gregos: Agamêmnon e Aquiles. Agamêmnon foi leviano ao ofender a honra de seu principal combatente, Aquiles, que em contrapartida absteve-se da luta. Aquiles foi leviano porque, em nome da própria honra, permitiu que o exército aliado fosse exterminado pelo inimigo. Com a conclusão da leitura nos arriscamos a afirmar que o resgate de Helena não era o argumento principal do autor da *Iliáda*, até porque, chegamos ao último Canto e nos surpreendemos com o fato de que o resgate não tenha ocorrido. O Canto final foi dedicado ao resgate do herói troiano e as honras por ele merecidas. A *Iliáda* é uma estória de heroísmos e honrarias.

A *Odisseia* é uma trama bem mais lenta. Embora o autor tenha mantido a riqueza de detalhes, dos quais também podemos imaginar pinturas, já não nos gera a ansiedade que o dinamismo da *Iliáda* proporciona. Se quisermos elaborar uma sinopse, podemos definir a *Odisseia* como as dificuldades enfrentadas por Odisseu para voltar de Tróia para seu palácio, em Ítaca; e o amor e a fidelidade de Penélope, sua esposa, que esperou seu retorno por vinte anos.

Mas o que nos importa em ambos os textos são as concepções de alma e morte que Homero nos transmite. Na *Iliáda*, a morte nos é apresentada através de imagens que possam nos descrever o momento exato em que ela acontece, e como a vítima a recebe, principalmente através das suas expressões. Nesse sentido, temos exemplos diversos. Porém, é importante iniciarmos pela concepção espiritual sobre a morte. Homero construiu uma estrutura complexa, que abrange destino (Moiras e Queres), lugar dos mortos (Hades) e punição para mortos ímpios (Erínias). Os dois textos homéricos abordados serão importantes para a compreensão do Hades. No que diz respeito às Moiras e Queres, há várias dicas, mas não chegam a conformar uma concepção segura. E quanto às Erínias, só em *Ésquilo* (*Oréstia*), poderemos conformar uma concepção com segurança.

O que é o Hades para Homero? Um deus, assim definido pela própria deusa Hera (cf. *Il.*, c.V, 395-400). Na genealogia divina de Homero, Réia e Chronos geraram três deuses: Zeus, Hades e Poseidon. Para Zeus coube no universo o céu, o éter e as nuvens. Para Hades, a treva e a névoa. E Poseidon ficou com o mar. Quanto ao Olimpo e a Terra, são instâncias pertencentes em igual parcela aos três deuses (cf. *Il.*, c.XV, 185-190). Contudo, ao falar de Hades, os gregos findaram por referir-se ao nome do deus, mesmo quando tencionavam falar sobre a morada dos mortos. Descer ao Hades (cf. *Il.*, c.VII, 330) ou descer à morada / palácio de Hades (cf. *Il.*, c.VIII, 365) tornou-se a mesma coisa. Homero nos abre um leque de possibilidades de reflexão sobre a condição dos mortos que baixam ao Reino de Hades. Com base na *Iliáda*, podemos especular sobre a condição da alma após a morte e até sobre a reencarnação para os gregos. Já a *Odisseia* nos indicou como chegar ao reino de Hades, desconstruindo a idéia de subterrâneo, passada pela *Iliáda*.

Vejamos o que podemos pensar sobre alma, morte e reencarnação, ao findar a leitura dos dois textos. Sobre a alma, temos que:

- a) se separa do corpo no momento exato da morte: “(...) *morrem-lhe os membros moles. A alma lhe fugiu.*” (*Ilíada*, c.IV, 465 – morte de Elefênor, rei dos Abantes); ou “(...) *esvaídos de alma, baixaram à terra.*” (*Ilíada*, c. VI, 15 – morte de Áxilo e Calésio).
- b) é imortal e não tem noção de si mesma: “*Seja que se olvidem, quando no Hades, os mortos, mesmo ali, sempre o recordarei, diletto!*” (*Il.*, c.XXII, 385 – Aquiles, sobre a morte de Pátroclo). Ou, “*No Hades há psiques e ícones, mas inânimes, sem vida!*” (*Il.*, c.XXIII, 100); ou ainda, “*A alma, depois de evolar-se esvoaça qual sombra de sonho.*” (*Od.*, c.XI, 220 – definição das almas feita pela mãe de Odisseu).
- c) Sobre a alma consciente do tebano Tirésias: “(...) *ao tebano Tirésias, cego adivinho, cuja alma os sentidos mantém ainda intactos. A ele, somente, Perséfone deu conservar o intelecto mesmo depois de ser morto; as mais almas esvoaçam quais sombras.*” (*Od.*, c.X, 490 – Circe falando a Odisseu).

Sobre a morte, temos que o palácio de Hades não seria nas profundezas, mas nos confins do mundo, no fim do oceano, na cidade dos homens Cimérios, “(...) *que se acham sempre envolvidos por nuvens e brumas espessas; nunca foi dado alcançá-los os raios do sol resplendente (...) Noite nociva se estende sem pausa por sobre esses míseros.*” (*Od.*, c.XI, 10).

E, quanto à reencarnação, podemos citar duas passagens que ilustram a informação de que Homero não aventava esta possibilidade: “(...) *ao Hades, portas sólidas (...)*” (Palas Atena – *Il.*, c.VIII, 365); e “(...) *no domicílio de Hades, sólidos portais (...)*” (*Il.*, c.XIII, 415). Em várias passagens em que mortais e imortais referiam-se à morada dos mortos, frisavam a solidez dos portais, quase que nos dizendo que de lá não há volta.

A morte como etapa, para Platão

Como já havíamos relatado na Introdução deste trabalho, nosso objetivo nesta pesquisa era entender as concepções de alma no pensamento filosófico antigo. Com este tema, optamos por Platão. Não somente porque o explorou em diversas obras; mas também porque foi o filósofo que serviu de base para as escolas filosóficas do período helenista; além de ter influenciado a formulação da estrutura doutrinária do cristianismo. E o primeiro texto estudado foi **Fédon**, porque nele Platão nos explica sobre a imortalidade da alma. E o faz em duas etapas. Num primeiro momento, defende a importância da morte como viabilizadora do acesso ao saber puro pela alma; num segundo momento, se utiliza da teoria dos Contrários e da teoria da Reminiscência para efetivamente explicar a imortalidade da alma. Foi importante entender a concepção não filosófica sobre a idéia de alma, para compará-la com a visão platônica. Platão não a abandona de todo.

Para Platão, um filósofo não deve se abalar com a idéia da morte, ao contrário, deve desejá-la. Não deve estar preso aos prazeres dos quais o corpo é instrumento, como todo tipo de prazer físico ou usufruto de bens materiais. Deve entender que a morte é etapa do acesso à sabedoria pura, pois é através dela que a alma e o corpo se separam. É importante que a alma se liberte do corpo porque este é o seu cárcere. Enquanto presa a ele, a alma não é capaz de

atingir a verdade plena, porque é através dos sentidos dele que busca conhecimento, mas estes lhe transmitem informações deturpadas. As coisas em si mesmas só são acessíveis à alma quando captadas por um sentido independente do corpo. Portanto, o filósofo é aquele que deve estar melhor preparado para penetrar com o pensamento a realidade da coisa em si mesma, através da morte, pois um homem que lamenta a morte não ama a sabedoria, ama o corpo.

“(...) já tivemos realmente a prova de que, se quisermos jamais saber alguma coisa em sua pureza, teremos que nos separar do corpo e olhar com a alma em si mesma as coisas em si mesmas. É, então, ao que parece, que nos pertencerá aquilo de que nos dizemos amantes: o pensamento.” (§66 d-e)

“Chegados, afinal, desse modo, à pureza, por termos sido separados da demência do corpo, estaremos verossimilmente unidos a seres semelhantes a nós; e por nós, somente por nós, conheceremos aquilo que é isento de impureza.” (§67 a)

Sobre a imortalidade da alma

Platão inicia sua argumentação afirmando que as almas vão para o Hades. Porém, é importante observar que o Hades de Platão não é exatamente o Hades que vimos em Homero. Se por um lado é apenas o lugar dos mortos, sem definição específica. *“No além, se isto deve acontecer em algum lugar (...).” (§67 c)*. Por outro, neste as almas têm consciência, pois afirma que terão acesso ao conhecimento das coisas em si mesmas. *“(...) estou convencido, lá embaixo, não menos, absolutamente, do que aqui, eu encontrarei bons senhores e amigos” (§69 e)*. Mas para provar sua imortalidade, explicita a Teoria dos Contrários (70c-72e), corroborada pela teoria da Reminiscência (72e-77a).

Na teoria dos Contrários, Platão nos diz que em tudo aquilo que tem nascimento, uma coisa nasce do seu contrário, sempre que exista uma relação entre ambos, provocando uma dupla geração. Logo, viver e morrer, contrários relacionados, geram-se entre si. Quando a morte é gerada da vida, a alma vai para o Hades. Mas sendo a vida novamente gerada da morte, a alma revive. Se não fosse cíclica, toda geração se esgotaria. Se a morte fosse gerada da vida num movimento linear, sem retorno, num determinado momento, tudo o que tem vida se extinguiria.

Mas falar de contrários não basta para provar a imortalidade da alma, pois seria possível que a alma fosse gerada juntamente com a vida; e se dissipasse no momento da morte. Para provar sua imortalidade, Platão complementou tal argumento com a teoria da Reminiscência. E nos diz que nosso saber nada mais é que reminiscência do conhecimento contemplado por nossa alma, antes da geração da forma humana. Assim, àquilo que chamamos aprender, é na verdade recordar. Identificamos um saber como remanescente, quando ouvir ou ver alguma coisa nos provoca qualquer sensação e formulamos a idéia de outra coisa, objeto de outro conhecimento. O conhecimento de uma coisa é familiar e remete à outra coisa.

Contudo, quando reconhecemos alguma coisa, na verdade não estamos reconhecendo aquela coisa por ser igual a outra, mas por ser similar à coisa em si mesma, contemplada por nossa alma no Hades. *“(...) antes de começar a ver, a ouvir, a fazer uso, enfim, dos nossos sentidos, nós devemos adquirir de fato, de algum modo, um conhecimento do igual em si mesmo e na sua realidade (...).” (§74e – 75a)*. Apenas depois de nascidos começamos a usar

os sentidos. Mas se já nascemos com o conhecimento do igual, isso se deu antes do nosso nascimento. Antes de nascer, conhecemos tudo aquilo que pode ser definido como realidade em si. E uma vez adquirido, o conhecimento não se perde em cada ciclo de geração Vida-Morte. A alma já renasce com ele. O esquecimento seria apenas o abandono desse conhecimento; e a instrução seria, na verdade, a recordação do mesmo. “*As almas, Sítmias, existiam, por conseguinte, antes de sua existência em uma forma humana, separadas dos corpos e em posse do pensamento.*” (§76 c)

Sabemos que vida gera morte e morte gera vida. Mas o que gera a alma? Ela é eterna. E se alterna no corpo humano e retornando ao Hades nessa dupla geração. Só se decompõe aquilo que tem por natureza compor-se. Algo que não é composto, por conseguinte, não sofrerá decomposição. Na verdade, para acatar a concepção da imortalidade da alma, precisamos entendê-la como pertencente ao mundo do divino; e todo divino é eterno. Platão justifica o pertencimento da alma a esse mundo explicando que há duas espécies de realidade, uma visível e outra invisível. A invisível conserva sempre sua identidade; a visível nunca. O corpo corresponde à realidade visível, enquanto a alma, à realidade invisível.

O corpo é o instrumento através do qual, por meio dos sentidos, a alma capta a realidade para formular conhecimento. Porém, por pertencer ao mundo da realidade visível, que nunca conserva sua identidade, o corpo induz a alma ao erro, ao conhecimento deturpado. Por outro lado, a alma, quando em si mesma, capta a realidade invisível, a realidade em si mesma, que conserva plenamente sua identidade, a realidade pura. É nessa condição, de estar em si mesma, que a alma produz conhecimento verdadeiro.

Cada parte traz em si características semelhantes ao seu mundo. Quando estão juntos, corpo e alma, a natureza atribui ao corpo servidão e obediência; e à alma, mando e domínio. Assim, enquanto o corpo tem características mortais, a alma tem características divinas. A alma é semelhante ao divino porque está mais próxima à realidade invisível, de identidade imutável. Como todo divino é eterno, por analogia, a alma é eterna. Ao contrário do corpo, que é mortal porque sujeito a dissolver-se. Sua realidade é mutável, com múltiplas identidades.

Bibliografia

SNELL, Bruno. A Cultura Grega e as Origens do Pensamento Europeu. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2001 (col. Estudos, 168).

HOMERO. Iliada. São Paulo, Arx, 2003 (2v, tradução de Haroldo de Campos).

HOMERO. Odisseia. São Paulo, Ediouro (tradução de Carlos Alberto Nunes).

HESÍODO. Os Trabalhos e os Dias. São Paulo, Ed. Iluminuras, 1996 (tradução de Mary de Camargo Neves Lafer).

SAFO. Lírica. São Paulo, Ed. Cultura, 1942. Série Clássica de Cultura – os Mestres do Pensamento (tradução de Jamil Almansur Haddad).

ANACREONTE. Odes. Rio de Janeiro, Achiamé, 1983 (4ª. ed. – tradução de Almeida Cousin).

ÉSQUILO. Oréstia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1991 (tradução de Mário da Gama Kury).

SÓFOCLES. Édipo Rei. Rio de Janeiro, Ediouro, 1997 (tradução de J. B. Mello e Souza).

SÓFOCLES. Antígona. Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian, 6ª. ed. (tradução de Maria Helena da Rocha Pereira).